



EUA debatem redes com influenciadores anti-Lula

Planalto vê como ofensiva ao governo encontros promovidos pelo Consulado em SP

» ARMANDO HOLANDA

Encontros promovidos pelo Consulado dos Estados Unidos em São Paulo com influenciadores de extrema-direita são lidos por integrantes do governo e por interlocutores do Palácio do Planalto como mais um movimento em favor da pré-candidatura de Flávio Bolsonaro (PL) à Presidência. A representação diplomática norte-americana tem convidado blogueiros bolsonaristas para, supostamente, debater “liberdade de expressão e ambiente digital”.

Entre os convidados está Maria Fernanda Schmidt, apresentadora do canal Brasil Paralelo. Em publicação no Instagram em 23 de julho, ela postou que participou de uma dessas reuniões promovidas pelo consulado. “Foi uma excelente oportunidade para compartilhar com os diplomatas os desafios enfrentados por influenciadores, jornalistas e produtores de conteúdo no ambiente digital, em um diálogo enriquecedor sobre os rumos da liberdade de expressão no Brasil”, escreveu. Ela costuma publicar conteúdos críticos ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Na publicação, Maria Fernanda aparece ao lado de outros influenciadores bolsonaristas que, segundo ela, também participaram do encontro com representantes

Instagram pessoal



Maria Fernanda divulgou a participação na representação dos EUA

do governo Trump. Na fotografia estão, entre outros, Leandro Narloch, Rafael Ferri e Penélope Nova. Todos integram o ecossistema digital bolsonarista, que atua em defesa da candidatura de Flávio em diferentes nichos das redes sociais e também difunde conteúdos críticos a Lula.

Os encontros organizados pelo consulado ocorrem em meio à escalada de iniciativas do governo Donald Trump contra o Brasil. O mais recente episódio foi a prorrogação na terça-feira, por mais um ano, da emergência nacional em

relação ao Brasil, que mantém em vigor a declaração originalmente estabelecida pela ordem executiva de 30 de julho de 2025.

No documento, o presidente dos EUA afirma que permanecem válidas as razões que embasaram a declaração de emergência, alegando que políticas e ações do governo brasileiro ainda representam uma ameaça “incomum e extraordinária” à segurança nacional, à política externa e à economia dos EUA.

Reportagem da Agência Pública — confirmada pelo **Correio** — trouxe à tona que a Embaixada

norte-americana procurou o líder do PL na Câmara, deputado Sóstenes Cavalcante (RJ), para servir de ponte e viabilizar uma agenda de Riley Barnes e Samuel Samson, integrantes do Departamento de Estado dos EUA e subordinados ao secretário Marco Rubio, com Flávio e seus aliados. Porém, eles tiveram os vistos negados pelo Consulado do Brasil na capital dos EUA.

Ao mesmo tempo, o jornal *The Washington Post* publicou reportagem denunciando que o objetivo dos dois era elaborar um relatório difundindo a narrativa de fraude nas urnas eletrônicas e tentar colocar em xeque as eleições brasileiras. Segundo o Ministério das Relações Exteriores, Barnes e Samson pretendiam, supostamente, promover debates sobre liberdade de expressão. Soma-se a isso a suspeita lançada por Flávio, em 22 de julho, em um evento com representantes de cerca de 40 embaixadas, em Brasília, de que o sistema eleitoral está viciado.

No encontro, o pré-candidato mentiu ao dizer que muitas das máquinas utilizadas nas eleições seriam da Smartmatic, empresa citada em suspeitas de fraudes eleitorais na Venezuela. Isso foi desmentido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que, mais uma vez, deixou claro que as urnas eletrônicas são totalmente construídas no Brasil.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Fortes em GO e MG, Caiado e Zema não se nacionalizam

A eleição presidencial mostra uma polarização assimétrica. Candidato à reeleição, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva lidera a disputa nacionalmente e conserva vantagem nas simulações de segundo turno, enquanto Flávio Bolsonaro demonstra resiliência suficiente para permanecer como seu principal adversário. Apesar das denúncias, erros e brigas na campanha do filho 01 de Jair Bolsonaro, as possibilidades de uma terceira via continuam restritas. Os ex-governadores Ronaldo Caiado (GO) e Romeu Zema (MG), mesmo com a projeção conquistada como governadores, não conseguem transformar seus redutos regionais em alavanca para nacionalizar as candidaturas.

Os principais colégios eleitorais mostram dois Brasis: o meridional e o setentrional. Essa divisão foi apontada a primeira vez em 1920, em *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Viana. Escrito entre 1916 e 1918, levou dois anos para ser publicado, pela livraria José Olympio. O que dizia Viana? Ele definia três arquétipos para o povo brasileiro: o sertanejo, o matuto e o gaúcho, os quais foram sucedidos pela publicação meteórica de mais quatro ensaios: *O Idealismo da Constituição* (1920), *Pequenos Estudos da Psicologia Social* (1921), *Evolução do Povo Brasileiro* (1923) e *O Ocaso do Império* (1924). O primeiro volume de *Populações Meridionais do Brasil* dedicou aos paulistas, fluminenses e mineiros; o segundo, ao campeador rio-grandense. Partia do homem para criticar as instituições da época.

“O sentimento das nossas realidades, tão sólido e seguro nos velhos capitães gerais, desapareceu, com efeito, das nossas classes dirigentes: há um século vivemos praticamente em pleno sonho (...) O grande movimento democrático da Revolução Francesa; as agitações parlamentares inglesas; o espírito liberal das instituições que regem a república americana, tudo isto exerceu e exerce sobre nossos dirigentes, políticos, estadistas, legisladores, publicistas, uma fascinação magnética que lhes daltoniza completamente a visão nacional dos nossos problemas. Sob esse fascínio inelutável, perdem a noção objetiva do Brasil real e criam para uso deles um Brasil artificial”.

Oliveira Viana atacou frontalmente os liberais brasileiros, corroborado pela iniquidade social que havia sido desnudada por Euclides da Cunha, ao descrever a Guerra de Canudos em *Os Sertões*. Concluía que era preciso “coragem infinita” para “contrair ostensivamente às ideias de liberdade e construir um poderoso Estado centralizado, capaz de impor-se a todo o país pelo prestígio fascinante de uma grande missão nacional”. Ao dizer que era impossível reproduzir aqui no Brasil o parlamentarismo inglês, o liberalismo democrático à francesa, ou o federalismo e descentralização republicana ao estilo americano, Oliveira Viana recomendava uma intervenção radical pelo Estado, destinado a criação de bases sociais aptas a sustentar futuros governos liberais. Para ele, esse “autoritarismo instrumental” da elite agrária e as populações meridionais, de recente imigração europeia, seriam protagonistas do moderno, enquanto o Brasil setentrional, sobretudo o Nordeste, representaria o atraso.

Faixa de fronteira

A consagração das ideias antissistema de Oliveira Viana viria com o Estado Novo, do qual foi o grande ideólogo, e com a “Polaca”, a Constituição de 1937, redigida por Francisco Campos e outorgada pelo ditador Getúlio Vargas. Ironicamente, Jorge Caldeira, em *História da Riqueza no Brasil* (Estação Brasil), destaca que o colapso político da República Velha interrompe mudanças importantes que estavam em curso, alavancadas por nosso mercado interno e a economia do sertão, como o aumento de rentabilidade da exportação de café, a grande acumulação de capital dos cafeicultores paulistas, que apostaram na industrialização, e não no patrimonialismo, ao contrário das oligarquias rurais que Viana enaltecera.

Que país queremos? Essa pergunta está posta novamente nas eleições, com o agravante de os liberais não terem um projeto claro. Muito da polarização se deve a isso. Segunda as pesquisas regionais divulgadas ontem pela Genial Quaest, Lula domina Bahia e Pernambuco, onde alcança, respectivamente, 52% e 55% no primeiro turno, contra 18% e 21% de Flávio. No segundo, as diferenças aumentam para 56% a 23% na Bahia e 58% a 24% em Pernambuco. O presidente também lidera no Pará, por 38% a 31%, e vence o candidato do PL por 44% a 37% na disputa direta. São resultados que reafirmam a força do lulismo no Brasil setentrional.

Flávio, entretanto, mostra grande competitividade no Centro-Sul. Lidera no Paraná por 42% a 24% e venceria Lula por 50% a 28% no segundo turno. Aparece numericamente à frente em São Paulo, por 34% a 30%, e no Rio de Janeiro, por 32% a 30%. Nos confrontos diretos, as vantagens seriam de 40% a 35% em São Paulo e de 38% a 35% no Rio. Em Minas Gerais, estado historicamente decisivo, Lula e Flávio estão tecnicamente empatados: 30% a 29% no primeiro turno e 38% a 35%, no segundo.

Caiado e Zema estão numa espécie faixa de fronteira entre esses dois brasis. O ex-governador mineiro alcança 12% em Minas, seu único resultado de dois dígitos entre os sete estados pesquisados. Fora de sua base, registra apenas 1% na Bahia, no Pará e em Pernambuco; 2% no Paraná e no Rio; e 3% em São Paulo. Sua candidatura continua sendo uma extensão de sua liderança regional, sem uma identidade nacional. O segundo turno confirma essa limitação. Em Minas, Zema aparece com 37% contra 39% de Lula, em empate técnico, resultado que demonstra sua força estadual. Fora dali, porém, não ameaça a polarização.

Caiado enfrenta o mesmo obstáculo. Estribado nos resultados do governo de Goiás, sobretudo na segurança pública, na educação e na gestão administrativa, entretanto, não atravessa as fronteiras estaduais. Nos sete estados analisados, oscila entre 1% e 4%: chega a 4% em Minas, registra 3% no Pará, no Rio e em São Paulo, 2% no Paraná e somente 1% na Bahia e em Pernambuco. Apesar da trajetória política mais longa e da estrutura do PSD, ainda não conseguiu apresentar uma alternativa nacional ao bolsonarismo. Nas simulações de segundo turno, Caiado alcança resultados melhores: 30% contra 38% de Lula em Minas, 30% contra 45% no Pará, 34% contra 35% em São Paulo e 33% contra 29% no Paraná. Esse crescimento decorre, em boa medida, da transferência do voto contrário a Lula quando Flávio é retirado da disputa.

Ministério da Cultura e Neoenergia Apresentam:

Foto: Raphael Alves

FMF

FESTIVAL MÊS DA FOTOGRAFIA

RETRATOS DE UM BRASIL PLURAL: ORIGEM, TERRITÓRIO E DIVERSIDADE

ABERTURA:

04 DE AGOSTO DE 2026

DAS 18H ÀS 22H

MUSEU NACIONAL DA REPÚBLICA

GALERIA MEZANINO

PROJEÇÃO MAPEADA NA CÚPULA DO MUSEU

APOIO

Lei Rouanet

International Photography Assoc-Festivals MEMBER

BSB BRASILIA E DE FESTIVALS

REDE DE PRODUTORES CULTURAIS DO BRASIL

MUSEU NACIONAL DA REPÚBLICA

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

PARCEIRO DE MÍDIA

PATROCÍNIO

REALIZAÇÃO

CORREIO BRAZILIENSE

Neoenergia

Leite Cultural

photo AGENCIA

MINISTÉRIO DA CULTURA